

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco
 Século XIX- Editorial
 Edição: GOMES, Valéria Severina

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da comemoração de um ano da actual direcção do Jornal do Recife e dos embates com o Diario de Pernambuco.
4. Data do documento: 01 de abril de 1888.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
8. Número de palavras: 1.467
9. Informações Levantadas: Editorial do Jornal do Recife nº 75, p. 1.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 61.)

JORNAL DO RECIFE
 O NOSSO ANNIVERSARIO

Ha um anno que o *Jornal do Recife*, passou | para a actual direcção. || Diz-nos a consciencia que temos enviado todo | o esforço para bem desempenhar os deveres de | jornalistas independentes procurando e defen-|dendo o bem publico, sem atenção ás persona-|lidades. Reformas importantes temos já realiza-|do no *Jornal do Recife*, fazendo-o
 5 interessar-se | por todas as questões, que teem sido debatidas | no paiz, e especialmente nesta provincia, bem | como ampliando o serviço de correspondencias e | o de noticias do exterior e inteior. Não temos | poupado assim sacrificios para bem servir aos | nossos assignantes. || Em compensação do trabalho empregado, da | [ilegível] com que temos defendido o que jul-|gamos ser conforme aos interesses do paiz e | desta provincia, da
 10 dedicação pela defesa das | liberdades publicas e dos direitos dos concida-|dãos, temos tido a satisfação de ver que o favor | publico tem correspondido ao nosso esforço. || Possa esse favor continuar á bafejar-nos, e | continuaremos cada vez mais á nelhorar o | *Jornal do Recife*, tornando-o igual aos melhores | órgãos de publicidade do nosso paiz. ||

15 OS PRIMEIROS ACTOS

O isolamento é uma situação pesada pata o | espirito humano, e já Lamemais que ne-|nhum individuo, qualquer que seja a classe de | sere á que pertença, póde subsistir isolada-|mente. Foi essa impressão atrophiante que do-|minou o *Diario de Pernmabuco*, dando
 20 respos-|ta ao que escrevemos sobre os primeiros actos | do ministerio 10 de março. Mandou-nos ás | praias porque nellas vive. A companhia é que | regeitamos. || Parece que os amigos do gabinete neste pro-|vincia, tendo-o como um *noli me tangere*, que-|rem resguardal-o pela insolencia, terreno de | que se apossaram e não o disputamos, de qual-

25 |quer censura, mesmo jsuta e moderada, como as | que temos feito. Pese-lhes, embora,
continua-re-|mos, e temos bastante altivez n´alma para nos | servir ella de antidoto contra a
raiva dos que | mordem. || Figurou-se-nos atacado de virus da maledi-|cencia contra os
filhos desta terra, contrastando | de modo notavel o nosso procedimento com o | que se
pratica em *terras patrioticas* onde as folhas | de todos oos matizes politicos não as ferem
desa-|piedadamente e guardam rasoavel silencio, indica o reconhecimento do merecimento.

30 || Somos uns selvagens, reconhecemos, nossas | regiões patrioticas, e os filhos desta terra
se resu-|mem nos *Senhores* Morreira Alves e Miguel Pernam-|buco. [Corte] O *Senhor* Miguel
Pernambu-|co, como juriconsulto e procurador fiscal, não | tem adquirido maior pratica no
governo desta | provincia? O *Senhor* Moreira Alves, que é jorna-|lista, orador, philospho e
publicista, já não | tem deixado o nome gravado em pedra polida no | Rio Grande do Norte e
35 nas Alagoas, de modo que | os povos se prostram quando proferem-lhe o | nome? Elles não
precisaram do advento do *Senhor* | João Alfredo para serem tidos como grandes | homens.
Se até hoje não foram bem aproveita-|dos é que atravessavamos o periodo das medio-
|criadades e chegou agora a epoca dos grandes ho-|mens á começar pelo *Senhor* Presidente
do Conselho. Se não foram ministros é que só ha sete minis-|terios em lugar de nove, e o
40 *Senhor* João Alfredo | com prejuizo do paiz não se dignou de crar mais | alguns
departamentos ministeriaes, como se faz | na Inglaterra. Tanto o *Senhor* Miguel Pernambuco
e um grande homem que o correspondente desta cidade para a *Amazonia*, no telegramma
em que | communicou que elle se dignara de acceitar a | presidencia d´aquella provincia deu
parabens aos | paraenses por entrarem noreino *da paz e do* | *socego*. || Entoemos, pois o
45 *posnitet!* || O que dissemos, porem, nós desses dois gran-|des estadistas para onde o *Diario*
afirmasse que | vivemos da malsinação e que temos a natureza | dos corvos? || Que devia
nomeado para o Pará um presi-|dente de tal forma conhecido do paiz, que impu-|zesse
respeio as pretenções desarrasoados e | fizesse com que ellas não podessem surgir; que |
acreditavamos que o nosso presidente não pac-|tuaria com os escandalos, mas sem força
50 pro-|pria, sem o prestigio de serviços publicos, sem ser conhecido fora desta provincia não
teria o | poder de impedir que os projectos escandalosos | subissem até ao palacio, e que
attendel-os seria | pactuar as delapidações do thesouro e re-|sistir levantar opposição dos
interesses prejudi-|cados. || Quem não reconhecerá a justesa desta apre-|ciação? Onde o
Senhor Miguel Pernmabuco já re-|velou alguma vez que tivesse o estofa de um |
55 administrador na altura das necessidades da pro-|vincia do Pará? Não serão ridiculos tim-
|bales retumbantes apregoando meritos, que nin-|guem conhece, e os quaes não ha provas?
|| Quanto ao *Senhor* Moreira Alves, abstrai-se da, | relações pessoaes com o *Senhor* João
Alfredo, pode-|ria haver um ministerio, que tendo em vista a | situação delicada do parido
conservador daquel-|la provincia, descontentado o *Senhor* Gomes de Cas-|tro com a entrada
60 do *Senhor* Vieira da Silva para o | ministerio, lembrasse-se de *Sua Excelência* para impor |
uma certa moderação aos amigos do ministro | da marinha, que hão de querer tirar desforra
| dos correligionarios amigos do presidente da | camara dos deputados, e á este confiança
na im-|parcialidade da administração? Ainda que se-|jam as melhores as intenções do
Senhor Moreira | Alves, elle não terá força propria para realiza-|las. Os amigos os *Senhor*
65 Vieira da Silva hão de | ver sempre nelle uma fonte de poder e infuen-|cia a explorar, e o
Senhor Gomes de Castro um in-|strumento do ministro, do qual tudo tem que re-|criar. ||

Pode haver nisto offensa pessoal? Não é esta | a situação verdadeira em que o *Senhor* Moreira Al-|ves ha de achar-se diante do partido conserva-|dor da provincia do Maranhão? Tenhamos pa-|ciencia, e aguardemos os factos. || O *Diario* quer naturalmente intrigar-nos com o sentimento regional e principalmente com os | novos agracidos. Não censuramos em absoluto | as distincções honorificas; censuramos os moti-|vos dessas graças e as preferencias. || Se o sentimento abolicionista está tão derra-|mado no paiz, tão fortemente accentuado que | um ministerio conservador julgar poder fazer a | emancipação immediata sem condição de tempo | e de indemnisação pecuniaria, é justa que sejam | condes, viscondes e barões individuos, certamen-|te respeitaveis e dignos, pelo simples facto de | no dia hoje libertarem escravos? E se elles | fizeram por esse facto á moeda da monar-|chia, muitos outros por igual facto não consti-|tuiram-se com igual direito? Na mesma occa-|sião em que os *Senhores* de Araruama libertaram os | seus escravos, não libertou-os em numero supe-|rior a trezentos a *Senhora* Lacerda Werueck? Se | todos, que libertaram escravos, teem o direito | á condecorações e titulos, não é necessario haver | os factos da abolição para que a justiça presida | as recompensas? || Dissemos apenas que nas graças distribuídas | para esta provincia havia algumas preferencias, | que chocavam, e o *Diario* nos pergunta se con-|testamo o merecimento do *Doutor* José Manoel de | Barros Wanderley, o valor moral do *Senhor* Antonio João Amorim e os dos *Senhores* *Doutor* Manoel | Gomes de Mattos e Francisco Ribeiro Pinto | Guimarães. || Não contestamos, nem dissemos que os agraciados não eram dignos, mas que havia prefe-|rencias que constituiam injustiças. O *Senhor* *Doutor* José | Manoel é muito digno, mas se elle foi agraciado | com o titulo de barão por alforria de escravos, | não devia igualmente sel-o o *Doutor* Mesquita de | Barros Wanderley, que na mesma occasião al-|forriou um maior numero de escravos, e nos li-|mittamos a esses cavalheiros por usarem | do mesmo nome da família? || O *Senhor* Antonio Amorim foi agraciado com o | titulo de barrão natualmente por fazer parte de | uma respeitavel e importante casa commercial | desta preça e querer o governo galardoar os | serviços por essa casa prestados aao desenvolvi-|mento economico da provincia. De accordo; | mas se é assim, não se comprehende que seja, | barão o *Senhor*, Antonio Amorim, que faz parte da | firma commercial, e fosse esquecido o chefe da | mesma casa, o *Senhor* Manoel Amarin. || Não será essa uma preferencia que choca? || Não contestamos o merecimento do *Senhor* *Doutor* Go-|mes de Mattos e achamos que foi-lhe bem con-|ferida a commenda da Ordem da Rosa. Se ella | foi, porém, momeado commendador por serviços | prestados á libertação dos escravos, não tinham | direito á igual distincção os *Senhores* Antonio Carlos | Ferreira da Silva, *Doutor* Barros Sobrinho, João | ramos, Numa Pompilio e outros, que prestaram | iguaes serviços a cusa da redempção dos cap-|tivos? || Não ha, pois, nas graças distribuídas nesta | provincia preferencias, que chocam, como dis-|semos? || É sempre desagradavel emittir juizo sobre | pessoas. Se o fizemos, é isto devido á provocação | do *Diario*.

